



: O REFUGIADO :



MANOEL Gomes de Norbal, que regressára de longes terras, acolhera-se ao silêncio e ao isolamento do seu solar entre montanhas, velho casarão meio convento, cuja capela morgadia era encimada pela cruz sangrenta de Malta. Cheio do tédio e do desconforto da sua vida dispersa, como uma poeira inútil, por todos os caminhos do mundo, êle recordava-se nesse serão solitário das suas aventuras passadas, — tristes perfumes que se esvaneciam; e o mudo diálogo com essas sombras tinha uma sedução serena e compassiva, uma desiludida ternura de lágrimas frias e envenenantes... Como um lavrante de medalhas, dir-se-a que êle ia revelando a pouco e pouco êsses perfis de mulheres modernas que na sua vida se espalhavam à maneira de grinaldas madrigalêscas, — umas orgulhosas e régias como crisântemos de oiro e de fogo, outras, idílicas donas, românticas e heráldicas como lírios que florescessem num jardim de amavios. Nesse serão solitário, êle acendera para a festa da sua saudade dois candelabros antigos de prata cinzelada: e a luz jorrante, espalhando-se por todo o gabinete, acordava reflexos crivados nas esplêndidas colchas de Damasco. Estendido no *maple*, Manoel Gomes fumava, divagando amavelmente, num suave abandono de todos os sentidos. Era um ambiente propício às meditações plácidas, aos estudos humanistas, e ao abandonado gôsto de recordar, êsse gabinete quási conventual, onde

o *maple* punha um grito de anacronismo insolente. Sôbre a mesa de trabalho, os candelabros ardiam em dez chamas inquietas, belas e alvoroçadas como cabeleiras de princesas. Vinha de fóra, da quinta germinal, um surdo murmúrio composto de muitos murmúrios, da voz soluçante das fontes, e do estridulo das cigarras. E Manuel Gomes sentia naquele gabinete dos serões estudiosos um repouso desconhecido, que não era sôno, onde se misturavam o remanso cristão dos horisontes e da noite cheia das fâlas religiosas da água. E êle, o viajante cosmopolita, para ali ficára com um vago enternecimento, a repassar a história áurea da sua vida faustosa — ah! mas que êle agora via ser inútil, sem finalidade, dispersa a todos os ventos de todas as loucuras. Recordava-se agora da que fôra há anos a sua *Diana de Gabies*, dessa mulher de graça harmoniosa e sedutora, que lhe ensinára com seus beijos e seus abraços a amar a vida com um fundo delírio de todos os sentidos. Essa mulher tinha, como uma estátua clássica, um corpo de nobre elegância, de seios esculturais como taças, uma juvenildade radiosa e opulenta, linhas tersas e perfeitas, um donaire sereno de deusa. No silêncio dum palácio de príncipe romano, em cuja atmosfera havia serenidades aromais, êles passaram mêses num idílio duma pureza heroica, duma orgulhosa voluptuosidade latina, recolhendo de tudo — da vida e das almas — uma alegria divina e radiante. Bebia a água pela concha de suas mãos... E nas manhãs lúcidas, duma luz virginal de óde olímpica, quando o sol tem um esplendor apolíneo, êles ressuscitavam um ritual pagão, tomando banho numa piscina de mármore verde, rodeada de estátuas que, durante séculos, dormiram debaixo da terra, no esquecimento e no tédio dos homens. Ele vivera então as horas vitoriosas da sua mocidade de herói latino, embriagado de vida e de desejo, orgulhoso, forte, concebendo todas as aspirações e todas as ideias com uma nobre confiança em si próprio. Eram belos os jardins patricios que envolviam o palácio, onde todas as fontes anacreonticamente, na luz gloriosa, pareciam repetir as frases do *Decameron*. E nas alamedas, ladeadas de mirtos e de roseiras, muitas vezes êle a beijára, recitando, por entre os beijos, ebriamente, estrofes de Horácio...

Fôra, no eirado da casa, um cão latiu. Êle lembrou-se nesse momento do galgo irlandês que sempre acompanhava

essa deliciosa amante, um galgo duma elegância de bronze antigo, que ela com um gosto de princesa erudita da Renascença amava loucamente...

Fulgiam, num delírio luminoso, os candelabros de prata, erguendo as chamas no silêncio do gabinete e da sua saudade. Nessa luz deslumbrante, a Vénus de Medicis amostrava, sobre a mesa de trabalho, a sua nudêsa olímpica que desafia os séculos na eterna primavera da sua carne.

E como é que surgiu a «outra», em Paris, como numa scena de vida boémia? Como meneios serpentinos de lavareda, vestindo com uma elegância modernamente assimétrica uma *toilette* onde o costureiro se dêra ao capricho de copiar uma flôr, êle bebêra nos seus olhos (verdes ou azuis? — nunca o soubera...) um licor envenenante e atraente. As suas mãos eram longas, finas, agudas, com os dedos cheios de jóias, — esculturas adoçadas, transparentes como se fôsem feitas de cêra... Êle amára êsse corpo esquivo, esbelto, aritmico, duma elegância arisca, infantil e fluida. Fôra um amor estranho, alucinado; os beijos trocados deixaram nos seus lábios um gosto de mel — mas de mel envenenado. Essas horas amorosas não cantaram a vida. Frágil como uma haste de lírio, a sua alma tinha a frivolidade dum madrigal boêmio, mas, no entanto, atraía por misteriosas tentações, luarosa e romântica. Nas noites de boémia doirada, ela pendia sobre o seu coração levemente como um corpo feito de penas, rindo com mimos garôtos de Colombina. Prendia-o, enlejava-o, subjugava-o quâse o amor por essa mulher que êle irônica-mente considerava um lugar-comum elegante — tendo os mesmos pensamentos de todas as outras, repetidos com uma fidelidade mecânica. Todos nós temos um supersticioso receio em romper uma teia transparente que encanta a nossa vida, prendendo todos os esforços livres da nossa vontade... Pois bem! Êsse medo desapareceu um dia! O último beijo, quando colou a sua bôca à bôca florescida dessa pálida Mimi foi um lírico madrigal, um madrigal pierrotêsco e amargo, que êle ainda hoje alembrava com irônica satuidade...

Levantou-se do *maple*, deu uns passos pelo gabinete, e parou deante dum pequeno espelho venesiano, em forma oval. Sorriu-se com sarcástica piedade por si próprio: grandes rugas vincavam a sua máscara, dando-lhe um ar de velhice prematura

e cansada. Êle não chegara ainda *al mezzo del camin*, nem adquirira essa impassibilidade irónica com que os homens, que já pressentem a velhice, costumam julgar tudo; mas era-lhe doce recordar o seu passado com a triste concentração de quem remeche um brazido cheio de cinzas e melancolicamente se sorri, com assombro, quando vê alguma pequenina chama escapar-se... E a pequenina chama escapou-se, num grande desejo de libertação! Era agora a bailarina eslava, de corpo elástico e esquivo, que lhe parecia tão distante, perdida para sempre na sombra do seu passado. Acendeu lentamente outro cigarro e sentou-se. Quando estivera em Varsóvia, vivera sempre num contínuo encanto. Nunca como então ele adquirira uma vibratilidade tão aguda e dolorosa, um apaixonado sentido da côr e da linha. Ao crepúsculo, quando as torres bisantinas faúlham como se fôsem feitas de oiro e pedrarias e toda a cidade se enche dum esplendor bárbaro — dir-se ia que deuses desconhecidos vão descer à terra para celebrarem um sacrificio... Quem sabe se essa bailarina eslava, de grenha de fogo e olhos verdes e ébrios (oh! êsses olhos que o envolviam numa névoa verde, misteriosa...) não estava predestinada para lhe oferecer com o seu amor místico e misterioso uma nova revelação? Na cidade bárbara sempre o acompanhou essa bailarina esvelta e sortilega, e a posse do seu amor, nessa terra de mistério, dava às paisagens de neve e de oiro um sorriso familiar e encantador. A primeira vez que êle a fôra visitar, ela surgiu paradoxalmente, abrindo uma porta lavrada e toda embutida de marfim e pérola. Vinha vestida de Scherazada... Manoel Gomes nunca conhecera mulher assim superior, scética e religiosa, cheia de contradições, amando tão eruditamente. Ela procurava sempre, para que o encanto continuasse, novas surpresas, maravilhas novas. Uma noite, num esplendor assírio de luz e de côr, ela bailou, para êle unicamente, bailados scherazadêscos, zebrantes, ágeis, melodiosos, onde o espirito do fogo se unia, num espasmo, à alma do ritmo. Outras vezes, eram bailados misteriosos das paisagens da neve, tendo ao mesmo tempo uma elegância claunêscas e uma fuga bárbara e efusiva. Mas à sua beleza pálida e ruiva, à fragilidade ideal do seu corpo de czarina, iam melhor os bailados galantes, irónicos, mariposados. Assim, ao interpretar a gárrula e nervosa alegria de Colombina, o seu

corpo era uma maravilha de esbeltêsa, de atitude humorística, de líricos gestos românticos... Na cidade do fogo e do ritmo, ela fôra uma inspiradora adorável. Os seus olhos verdes mergulhavam hipnoticamente nos longes embruxados da neve. E quando Manoel Gomes beijava as suas pálpebras cerradas — nunca podia explicar a estranha emoção dêsse beijo doloroso, comovido, ascético... Onde estaria agora, levada pelo vento duma vida inquieta, a maravilhosa bailarina?...

E esta pergunta que êle fez a si próprio, como se interrogasse o seu destino, encheu-o duma tristeza fria e desolante. Com gesto distraído, fazia girar no dedo indicador o anel de ferro forjado onde uma águia abria as asas dominadoras. Do jardim vinha a canção solteira duma fonte... A paradoxal, a fútil, a frágil bailarina russa surgia deante de seus olhos como um espectro por entre neblinas de luar. Ela, a ruiva, era bela, encantadora, com seduçõs enovelantes e capciosas; tinha mãos de tocadôra de citera, dedos longos, habituados a penetrarem flôcos de neve com um geito amoroso; e os seus olhos verdes eram para êle uma alucinação, profundos como espelhos cheios duma luz venenosa. Seus beijos abriam-se, orgulhosos, como uma flôr. Por vezes, com o cabelo desgrenhado, caíndo sôbre os ombros régios, lembrava uma infanta bisantina, tentante de todas as seduçõs, perturbando sempre como um mistério, bela e repulsiva como um vampiro. Mas, nesse momento de saudades românticas, as suas mãos vinham, por graça do amor perdido, espalhar lírios por todo o ambiente... Que era, afinal, tudo isto? A desconhecida sombra duma sombra... Ah! êle agora bem via, olhando o esplendor das dez chamas tremulantes, quanto o seu passado tinha sido inútil, dispersivo, sem uma finalidade que guiasse todos os seus passos e todos os seus pensamentos no caminho indicado por Deus à sua vida. Mas tinha agora um desejo ardente de beijar as pálpebras cerósas dessa bailarina russa — as pálpebras cerósas que palpitavam sob os seus beijos... Revia-a no *Carnaval*, em traje de Colombina, mimalha, esfusiante de graça humorística, dum encanto paradoxal, fútil como uma abelha avoando em tórno dum gira-sol...

Por muitas taças, todas maravilhosas, êle bebera o licor do amor, da volúpia, e da beleza. Por caminhos transcendentales, na sua fatalidade de príncipe vagamundo de romancieiro,

êle procurara uma verdade que o satisfizesse, uma luz pura e superior, um ritmo imperturbável de vida dominadora. Mas, depois de assim percorrer as sete partidas do mundo, êle reconhecia que nada aprendera, nada o elevara, e que a sua alma morria duma sêde espiritual e torturante. Tinha um sceticismo mais doente, um maior cansaço, um tédio mais dobrado. Amara talvez essas três mulhéres. Mas para nenhuma delas tinha maior preferência, por todas espalhava o divino perfume da sua saudade e agora recordava-as com os olhos quási rásos de água. Fôram como um vinho capitoso, bebido por taças diferentes, mas todas da mesma beleza escultural. Deixaram no seu passado uma saudade lírica, nebulosa, esmaecida. Quando lembrava uma, logo as outras surgiam por fatalidade mágica. Erão três princesas errando no jardim misterioso do seu passado...

Ergueu-se com um grande desalento, e de mãos nos bolsos ficou olhando a trémula ondulação das chamas delirantes. Confrangia-o a certeza de que, em volta da sua vida, tudo se apagara, e que nessa indecisão nenhuma voz lhe dava fé, coragem, heroísmo de vencer. Deu umas voltas inquietas pelo gabinete e, desejoso de ar livre, escancarou a janela de par em par. Seus olhos afundaram-se no esplendor dêsse céu coalhado de astros, e dentro de si surgiu uma misteriosa, indecisa interrogação perante todas as coisas que, como êle, estavam sujeitas à divina regra de transitarem, nos círculos da vida imortal, por formas que morrem e renascem, continuamente...

Coimbra, 1918.

ERNESTO GONSALVES.